

IMAGENS DO SERTÃO EM CONSTRUÇÕES ENUNCIATIVO-DISCURSIVAS

Cristiana Soares de Oliveira

Pós-graduada em Metodologia em Língua Portuguesa e Literatura, pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). crisol1986@hotmail.com

Luana Rafaela dos Santos de Souza

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (ProDiC) da Universidade Estadual de Alagoas. Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). luana.analu@outlook.com

Orientador Ismar Inácio dos Santos Filho

Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). ismarinacio@hotmail.com

RESUMO

Essa pesquisa é resultado de discussões realizadas no Grupo de Estudos em Linguística Aplicada, que ao longo do tempo contribuiu para o desenvolvimento de um olhar crítico para a territorialidade, estranhando os diferentes discursos relacionados ao Sertão. A linguística aplicada configura-se como um campo do saber que constrói uma postura indisciplinar, objetivando criar inteligibilidade sobre a vida em sociedade. Este estudo objetivou compreender a imagem do Sertão construída em diferentes enunciações. A metodologia de análise que seguimos é de base bakhtiniana, a partir da ideia da etnolinguística da fala viva, sendo imprescindível realizar a leitura enunciativo-discursiva, proposta por Mikhail Bakhtin (1929). Ao final, essa pesquisa permitiu enxergar com “outros” olhos a territorialidade e os sujeitos que vivem nessa região, compreendendo-os como construtos que se dão pela linguagem.

Palavras-chave: Sertão. Poder. Linguagem

ABSTRACT

This research is a result of discussions conducted in the study group about applied linguistics, that has been, through time, contributing to the development of a critical look to the territoriality, wondering about the different speeches related to the Backwoods. The applied linguistics is configured as a field of knowledge that constructs an interdisciplinary posture, aiming to create intelligibility about life in society. This study aimed to comprehend the image of backwoods constructed in different enunciations. The methodology followed was based on Bakhtin from the idea of ethnolinguistic of the living speech, being indispensable to consider the enunciation-discursive reading proposed by Michail Bakhtin

(1929). Finally, this research allowed to see, through “other” eyes, on the territoriality and the individuals who live in this region, understanding them as constructions that happen thanks to the language.

Keywords: Sertão. Power. Language

INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa está situada no campo da Linguística Aplicada (doravante LA), tendo em vista que esse campo se preocupa com as práticas discursivas, tanto dentro do âmbito educacional quanto fora dele, uma vez que seus interesses não se restringem apenas à educação. A linguística configura-se, desse modo, como um campo do saber que constrói uma postura interdisciplinar ou indisciplinar, como destaca Moita Lopes (2006).

Para cumprir essa postura, algumas teorizações das ciências sociais e humanas são importantes, porque trazem a concepção de sujeito social que precisa ser incorporada também aos estudos em LA, pensando, dessa forma, em novos modos de fazer pesquisa/criar inteligibilidade nessa área, tanto nos processos teóricos quanto metodológicos. Logo, é o caráter interdisciplinar/transdisciplinar da LA que permite tratar de questões contemporâneas envolvendo o uso da língua(gem). O sujeito é visto em sua complexidade, seus entrelaçamentos/atravessamentos identitários, que são forjados discursivamente (MOITA LOPES, 2006). Nesta perspectiva, é preciso considerar que o discurso dos sujeitos estão sempre conectados aos de sua historicidade. Nesse processo, a língua(gem) é compreendida como interação entre os indivíduos, no sentido de que produzir língua(gem) é produzir discursos (VOLOCHÍNOV/BAKHTIN, 2004; BRAIT 2005; 2006a; 2006b ;2016a; 2006 b).

Para compreender o discurso que paira acerca do Sertão, buscamos fundamentação em Albuquerque Júnior (2011), tentando entender que o Nordeste ocorre por uma produção humana, em que todas as coisas (palavras, nomes, conceitos e os recortes espaciais) são construídos pela ação humana. Assim, para esse pesquisador, o nordeste não é uma coisa inscrita na natureza, não é algo divino.

1 Procedimento para uma leitura nos parâmetros da linguística aplicada

A metodologia de análise que seguimos será de base bakhtiniana, a partir da ideia da *etnolinguística da fala viva*, sendo imprescindível realizar a leitura enunciativo-discursiva, propos-

ta por Bakhtin (1929). Nessa perspectiva, estamos compreendendo a prática discursiva como enunciação concreta, buscando conhecer qual gênero discursivo o enunciado está situado, onde ele circula e a qual esfera pertence, pois segundo Santos Filho (2012, p, 34), fundamentado em Bakhtin (1929), cita que “[...] com essa informação, sobre o gênero, podemos levantar inferências [...] acerca das escolhas realizadas pelo “eu” e, assim, começar a cogitar quais possíveis sentidos são ali propostos”. Assim, é preciso levar em conta o veículo de circulação do gênero, para que possamos ter uma visão macrosocial do texto, pensando no perfil psicossocial desse outro, pois segundo Bakhtin (2011),

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos [...] as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele (BAKHTIN, 2011, p. 302).

Buscamos nessa leitura analisar ainda quem é o “eu” que enuncia, quem é o “outro” para quem o “eu” enuncia e quem é o “ele” sobre quem o “eu” enuncia, considerando de onde o “eu” enuncia, pois este fala de um determinado lugar. É vital também analisar o contexto social, cultural e ideológico, em que o sujeito está situado. Trata-se de uma leitura que vai para além das entrelinhas, não se focaliza na leitura de conteúdo, de modo que não se repita apenas o que está escrito no texto, visto que o sujeito analisa os recursos verbais e não verbais, as imagens, as fontes, as cores, ou seja, tudo que faz parte da constituição dos sentidos. Nesta leitura, compreende-se que para se entender os sentidos propostos em um enunciado não basta conhecer o sistema, pois a língua não é algo abstrato, não é morta, mas sim é algo vivo, construída por meio da interação entre falantes.

Deste modo, com base nas ideias de Bakhtin (1929),

Os sentidos do texto não estão presos às palavras ou às estruturas da língua, diferentemente, os sentidos são forjados na relação entre os sujeitos que “dialogam” naquele texto ao mesmo tempo em que dialogam com outros textos [...] os sentidos não estão fixados na superfície textual [...] são sempre propostas de sentido[...] são efeitos de sentido desejados que podem ser alcançados ou não, quando da leitura pelo outro (SANTOS FILHO, 2012, p. 4).

Nessa pesquisa, analisaremos os discursos para além da forma textual, compreendendo-os como enunciações concretas. Para tanto, consideramos todos estes aspectos apontados anteriormente, ou seja, pensamos no gênero discursivo, na função, na circulação, no sujeito que fala, no

outro do discurso, nos determinados usos, nos arranjos linguísticos, nos questionando sempre o porquê destes usos e não outros, considerando sempre que no discurso há ideologias, há intenções, são tentativas de produção de sentidos.

Para tanto, tomaremos como base teórica alguns autores como: Albuquerque Júnior (1998; 2011; 2014), Bakhtin (2011; 2006), Bortoni-Ricardo (2008), Macêdo (2011) Moita Lopes (2006; 2013), Rojo (2006) e Santos Filho (2012; 2012b), dentre outros.

2 IMAGENS DO SERTÃO EM CONSTRUÇÕES ENUNCIATIVO-DISCURSIVAS

Dessa forma, seguindo a perspectiva de leitura enunciativo-discursiva analisemos um texto jornalístico e um texto político que circularam no e sobre o Sertão alagoano:



The image shows a screenshot of a news article from the Portal Radar. The headline is "Seca deixa 38 municípios de Alagoas em situação de emergência". Below the headline, there is a sub-headline: "Especialistas em clima dizem que 2016 será mais um ano de seca. Sem fontes de água, os municípios não sabem mais o que fazer." There is a "Imprimir" button and a timestamp "Por GazetaWeb | 5 de novembro de 2015 às 0:44". The main text starts with "Trinta e oito municípios de Alagoas estão em situação de emergência por causa da estiagem. E sem previsão de melhora. São cinco anos enfrentando uma seca que torra tudo." There is a photograph of a dry, cracked field. Below the photo, there is a quote: "'De 2010 pra cá, o meu gado acabou. Eu tinha mais de 40, e hoje tem 10 vaquinhas e esse bezerrinho que você tá vendo aí', lamentou José Souto Ferro, agricultor." Another quote follows: "E para beber água, tem que ter disposição. São três horas por dia para esperar o carro-pipa encher as vasilhas." The final quote is: "'É sempre assim, sempre, sempre, todo dia nesse rojão", contou Edlene Silva Lima, agricultora."

Notícia do Portal Radar. Disponível em: <<http://www.radar89.com.br/site/noticias/seca-deixa-38-municipios-de-alagoas-em-situacao-de-emergencia>>. Acesso em 12 de junho de 2016.

Acerca do gênero, a notícia é um texto jornalístico que integra nosso dia a dia, sendo encontrada, principalmente nos meios de comunicação. Portanto, a notícia é um texto informativo sobre um tema atual ou algum acontecimento da realidade, vinculada nos mais diversos meios, tais como rádio, televisão, *internet*, jornais etc.

Brait (2005) destaca que o destinatário tem várias faces, diversos perfis, várias dimensões, por isso, é importante fazer indagações como: (a) a quem se dirige o enunciado?, (b) Como o locu-

tor percebe e imagina seu destinatário, (c) Qual é a força da influência do destinatário sobre o enunciado? Desse modo, é preciso entender os traços constitutivos do enunciado, observado o gênero discursivo, em cada uma das esferas da comunicação. Assim, durante a leitura da notícia e do *outdoor* problematizamos tais questões.

A manchete apresenta-se em um tom de verde, divulgada no Portal Radar. O título da notícia dialoga com o que está no corpo do texto, reforçando o enunciado, porque traz o pensamento de especialista em clima. Ela foi postada no portal em 2015, percebemos que os/as especialistas em clima projetam o fenômeno da seca para o ano 2016, pelo título “Especialistas em clima dizem que 2016 será mais um ano de seca. Sem fontes de água, os municípios não sabem mais o que fazer”. É preciso conhecer que o estado de Alagoas possui 102 municípios, dos quais 38 estão em situação de emergência.

Para pensarmos sobre a emergência da seca utilizamos as ideias de Macêdo (2011) em que a pesquisadora apresenta a compreensão de semiárido por meio de elementos históricos, de sua compreensão discursiva que vem desde o Brasil colônia, principalmente pelos discursos portugueses no processo de colonização. Nesse paradigma, a pesquisadora realiza um estudo de cunho interdisciplinar/transdisciplinar, no qual traz conceitos da antropologia, da sociologia, da história e/ou da literatura, investigando as representações postas em diferentes narrativas com o objetivo de mostrar os diferentes e unos lugares a partir dos quais o Nordeste foi/é criado.

Na análise da notícia é possível perceber que a seca é tomada como um fenômeno constante na vida do sujeito do semiárido, por isso, nesse espaço encontramos uma matriz discursiva que prega o discurso da pobreza, da fome, da seca e da devastação. A notícia não constrói um discurso insurgente, porque propaga a imagem de um sertão não desenvolvido, de um sertão rural marcado pela presença de animais mortos como enfatiza a imagem estampada. O texto jornalístico constrói a seca como um fenômeno recente quando marca que são 5 anos enfrentando a seca. Porém, sabemos que o(s) discurso(s) sobre a seca se espalham são múltiplos e ao mesmo tempo unos em sua constituição, seja nos ritos, nas cores e na persistência de serem vivenciados a partir de toda a sua intensidade (MACÊDO, 2011). É um discurso que ganhou repercussão com a seca de 1877-70, como afirma Albuquerque Júnior (2011):

A seca de 1877-79, a primeira a ter grande repercussão nacional pela imprensa e a atingir setores médios dos proprietários de terra, trouxe um volume considerável de recursos para as “vítimas do flagelo” e fez com que as bancada “nortistas” no parlamento descobrisse a poderosa arma que tinham nas mãos, para reclamar tratamento igual ao dado ao “Sul” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 83).

Cristiana Soares de Oliveira | Luana Rafaela dos Santos de Souza | Orientador Ismar Inácio dos Santos Filho

O discurso dos agricultores José Souto, de Cícero Carvalho e da agricultora Edilene Silva criam “imagens” que comovem e provocam emoções, ao mesmo tempo em que se constituem como um quadro de indignação e um sentimento de impotência e/ou de injustiça. Nessa matéria, o agricultor Cícero Carvalho faz referência a seca como algo divino, lamentando “Só Deus quem vai salvar vida nossa. Nossa e dos bichinhos”. Nesse sentido, percebemos que em tais concepções o sertão vai sendo tomado numa perspectiva essencialista, como algo determinado pelo divino. Na visão de Albuquerque Júnior “o nordeste não é um fato inerente na natureza [...], é uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 79).

O livro de Albuquerque Júnior (2011) “A invenção do Nordeste” surgiu nos anos 80 para desconstruir a imagem que foi forjada acerca do nordeste, que para ele consiste em uma caricatura. Assim, ele argumenta que essa região é bem desenvolvida, pois cresce acima das taxas acima do restante do país, que 70% da população vivem nas cidades. Por isso, não é mais possível olhar/falar de um nordeste rural, porque essa ideia não condiz com a realidade existente.

Nessas considerações, a seguir temos mais um discurso que fala/constrói o Sertão de modo estereotipado; Vejamos:

Fotografias de *outdoors* que foram dispostos às margens de uma rodovia federal que corta o município de Água Branca-AL.



Fonte: Acervo particular do Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho

Tratando dos discursos políticos, estes pertencem ao gênero *outdoors*, foram colocados às margens da BR 423, quando a presidenta Dilma Rousseff visitou o Sertão Alagoano, em 12 de março de 2013, na inauguração dos primeiros trechos prontos do Canal do Sertão, no município

Cristiana Soares de Oliveira | Luana Rafaela dos Santos de Souza | Orientador Ismar Inácio dos Santos Filho

de Água Branca, Alagoas, totalizando 65 km. Nesse contexto social, o Sertão é construído por meio dos discursos como região da seca, da fome, da miséria, sobretudo pelos próprios sertanejos pois, apesar de tanto tempo ter se passado desde o início da construção do Sertão como região da seca, nos dias atuais ainda se perdura essa construção estereotipada. Assim, essa obra é considerada a maior obra de infraestrutura hídrica da região. Logo, o Governo Federal e o Estadual investiram milhões para a concretização desta que tem como objetivo trazer água para essa região seca e conseqüentemente melhorar a vida dos sertanejos, possibilitando o desenvolvimento e progresso nessa região. Sobre o trecho alagoano do Canal do Sertão, sabemos que:

De Delmiro Gouveia à Arapiraca. Este é o trajeto que será percorrido pelas águas do Canal do Sertão. Atualmente o projeto está orçado em mais de 600 milhões de reais e a promessa é levar água potável para aproximadamente um milhão de pessoas em 42 municípios, ao longo dos 250 km de percurso. Os sertanejos serão beneficiados com apenas 6 mil hectares¹.

A inauguração desse trecho ocorreu em véspera de ano de eleição para o cargo de presidente do País. Ou seja, nesse contexto, já se falava em (re)eleição. Assim, com a realização desse trecho da obra Canal do Sertão, o governo poderia aumentar a sua probabilidade de ser reeleito, mostrando o serviço prestado ao povo, mostrando-se preocupado com estes sujeitos sofredores.

Iniciando as inferências, o gênero discursivo *outdoor* tem como suporte a placa, e tem a função social de chamar a atenção e convencer o “outro”, aquele sujeito para quem o “eu” enuncia. “O gênero *outdoor* apresenta um discurso publicitário que atinge um público heterogêneo de grande proporção”. (SANTOS et al., 2008, p.01)

Logo, por tais considerações, entendemos que esses enunciados, os outdoors, têm como função social chamar a atenção do “outro”, informando-lhe que a obra do Canal do Sertão foi realizada, que se encontra ali, naquele determinado local do Sertão. Nesse caso, não há uma circulação social, visto que os *outdoors* não se movimentam, pois, o gênero discursivo e seu suporte não permitem, e, assim, esses enunciados permanecem fixos em um determinado local, e na medida em que as pessoas transitam pelo local em que os enunciados estão situados essas os visualizam.

Essa obra já havia sido projetada há muito tempo, e o objetivo desta era/é beneficiar a população dessa região. Dessa maneira, com a chegada desta, os sertanejos/nordestinos teriam esperança

¹ Blog “Conhecendo o Sertão”. Disponível em: < <http://conhecendocanaldosertao.blogspot.com.br/>>. Acesso em 01 de abril de 2016.

de sair da condição de miseráveis, pois com água teriam a oportunidade de plantar, surgindo mais emprego e mais desenvolvimento social e econômico. Logo, esta obra foi/é vista como a “salvação” destes sujeitos, pensados como pobres e miseráveis, sofredores devido à seca. Assim, uma vez que o governo cumprisse a promessa da realização da transposição do rio São Francisco para o Sertão nordestino, este seria visto pelo povo como responsável e preocupado com um povo tão necessitado de assistência.

Logo, é importante questionarmos: Quem é o “eu” que enuncia? O “eu” de ambos os enunciados é o Governo Federal e o Governo Estadual, visto que essa grande obra hídrica vem sendo projetada desde o mandato do presidente da república Fernando Collor, em 1991, firmando parceria com o governo de Alagoas, mas que, no entanto, essa obra só começou a ser realizada pelo governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, tendo o apoio da bancada federal de Alagoas. Deste modo, podemos levantar a inferência de que o “eu”, Governo Federal e Governo Estadual, busca por meio destes discursos convencer os sujeitos sertanejos de que há uma “preocupação”, um compromisso com eles, pois investiu bilhões numa obra que tem como propósito levar água para a região e proporcionar uma vida de transformação e progresso. Com efeito, esses discursos analisados são discursos que se filiam aos discursos deterministas, que realiza uma manutenção dos estereótipos que circulam no e sobre o Sertão/Nordeste.

Quem é o “outro” para quem o “eu” enuncia? Esse outro são aqueles sujeitos que por ali circulam, visto que esses enunciados se encontram situados à margem da BR 423, local em que o movimento de pessoas é constante. Todavia, pelos recursos linguísticos utilizados pelo “eu”, podemos levantar a hipótese de que o “outro” se constitui de um público diversificado, de pessoas analfabetas e pessoas alfabetizadas, uma vez que uma pessoa iletrada pode não compreender a linguagem verbal, mas irá compreender por meio da linguagem não-verbal que naquele local está situado o Canal do Sertão, e que está localizado no Sertão, trazendo “mais água”, “mais produção” e “mais emprego”, diminuindo, assim, o sofrimento causado pelas estiagens, podendo agora o/a sertanejo/a plantar e colher, bem como arrumar emprego.

Por meio das escolhas linguísticas e dos recursos semióticos, o “eu” vai marcando para si e para o “outro” que a realização da obra exibida trouxe “mais água”, diminuindo o índice de desemprego na região. Assim, o “eu” destaca por meio da sentença “aqui é o canal do sertão”, utilizando o advérbio de lugar aqui, que exatamente naquele local do Sertão o canal do Sertão foi realizado, e trouxe água para os sertanejos/ nordestinos. Assim, o uso de fonte maior na es-

crita provavelmente foi realizado de modo pensando para dar maior visibilidade ao enunciado, e chamar a atenção do outro.

Esse discurso dialoga com discursos anteriores que constroem essa região como região da seca, da pouca produtividade, retrógrada, e que necessita de atenção e investimento do governo. Desse modo, estes acabam construindo, reforçando, mantendo, essa ideia de Sertão/Semiárido/Nordeste como região do atraso e da pobreza. Vemos que, mesmo depois de tanto tempo, ainda há discursos que colocam essa região, bem como os sujeitos que vivem nela, como necessitados de atenção das autoridades governamentais. Tudo isso acontece por uma questão de poder, pois, se tratando de discursos políticos, possivelmente busca-se chamar a atenção para o compromisso que o governo tem com esse povo “sofrido”, pois mostra um grande investimento não apenas econômico, mas sobretudo político, pois tais discursos legitimam o flagelo da seca, discurso construído desde o século XIX, como já foi dito anteriormente.

Ambos os *outdoors* são textos multimodais, pois além dos recursos verbais utilizados pelo “eu” que enunciou, estes estão dotados de recursos não-verbais, a saber, imagens, cores, fontes, como já mencionada anteriormente. Segundo Dionísio,

Os gêneros textuais falados e escritos são [...] multimodais porque, quando falamos ou escrevemos um texto, usamos, no mínimo, dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipografia, palavras e sorrisos, palavras e animações (DIONÍSIO, 2005, p. 179).

Tais recursos semióticos fazem parte da construção dos sentidos que o “eu” quer causar no “outro”. Se observarmos as cores utilizadas pelo sujeito que enuncia, percebemos que as mais recorrentes são verde, azul e amarela. Possivelmente, essas escolhas de cores foram feitas pelo fato desses enunciados divulgarem a realização da obra Canal do Sertão, obra que traz água para essa região, e que, assim como a linguagem verbal, a não-verbal dá a ideia de que a água chegou e trouxe mais vida, visto que toda a paisagem é verde, tem vida.

Desse modo, essa obra proporciona também mais vida, mais fertilidade. Logo, tanto a água que por ali passa quanto o verde, que está ao redor do canal do sertão, na fotografia, construiriam a ideia de esperança, pois como o sertão é construído por meio da linguagem como região da seca, da fome e da infertilidade, sendo portanto a falta de água o grande vilão de tais problemas enfrentados pela população dessa região, com a chegada da água, há a esperança de que a vida

sertaneja, sofrida, irá mudar para melhor, pois como nos mostra o enunciado verbal, a água trouxe “mais vida”, “mais emprego”, “mais progresso”, ou seja, uma grande melhoria para o Sertão da terra escaldante.

A cor amarela escolhida pelo “eu” também faz parte da produção de sentidos. Possivelmente essa esteja fazendo referenciação ao sol escaldante que deixa a terra infértil, pois se o “eu” marca para si e para o outro que o Canal do Sertão chegou e trouxe “mais água”, “mais produção” e “mais emprego”, usando a cor amarela.

Assim, possivelmente o “eu” produz o efeito de sentido de que a estiagem, o sol forte vai permanecer, mas que, no entanto, a água chegou no sertão para mudar essa realidade de improdutividade, devido à terra seca, ocasionada pelo sol escaldante. Mantém, assim, a ideia de região seca, estando estes discursos dialogando com discursos anteriores, em que o sertão é construído como região da miséria ocasionada pela seca.

No segundo enunciado, bem como no primeiro, há maior destaque na primeira frase, “aqui é o canal do sertão”, pois essa se encontra no enunciado em uma fonte maior, utilizada provavelmente para chamar a atenção, pois, é bem visível. Logo, é provável que esse não seja despercebido por quem passar na BR, e que por isso o tamanho da fonte, bem como tudo que compõe o enunciado, foi feito estrategicamente, como tentativa da produção de sentidos. O “eu” reforça por meio do uso da língua(gem) verbal que naquele local encontra-se o Canal do Sertão, de modo afirmativo, ao fazer a escolha do advérbio de lugar, na construção “aqui” é o canal do sertão.

O “eu”, ao fazer essa tentativa de causar determinados efeitos de sentido no outro, acaba dialogando com enunciados anteriores, enunciados esses que constroem essa região como região da seca, do menino barrigudo, cheio de vermes, faminto, de pé no chão. Esses discursos circulam em diversas esferas, como, por exemplo, na mídia, na literatura, na música, nas academias, entres outras. São enunciados que são repetidos, repetidos e repetidos e vão se tornando como se fossem naturais, mas não são, pois são construções realizadas por e na linguagem. Segundo Albuquerque Júnior (2014), quando falamos em Nordeste, algumas imagens vêm à nossa mente, como, por exemplo, a seca, o cacto, a caveira, o retirante, imagens que vão sendo construídas por toda uma produção cultural.

Assim, ao analisarmos a linguagem realizada pelo governo, podemos pensar que o governo realizou essa obra que careceu de grande investimento e que, segundo o “eu” que enuncia, trata-se

de uma obra que trouxe grandes benefícios para a vida sertaneja, como por exemplo, emprego e progresso para uma região considerada tão seca, para tentar resolver o considerado maior problema do povo sertanejo, a saber, a falta de água. Mas, considerando que todo político precisa do voto do povo para ser reeleito, o “eu”, assim, busca causar o efeito de sentido no “outro” de que o governo se preocupa com essa região, que é vista como seca, desolada, pouco produtiva, com longas datas de estiagem.

Deste modo, estes enunciados dialogam com enunciados anteriores, nos quais essa região é construída como o lugar da seca, da fome, da miséria, em que para o sujeito conseguir sobreviver é preciso muita perseverança, força de vontade, é preciso “lutar contra a natureza”, em prol da própria vida. Reforçam enunciados deterministas sobre essa região, nos quais o/a sertanejo/ é visto como sujeito sofrido com a seca, a fome. Na medida em que tais discursos vão sendo repetidos, vão se tornando como algo natural, e, se assim for, a força nordestina já estaria na sua essência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos notar através da leitura dos enunciados que nos dias atuais os mecanismos políticos ainda mantêm e reproduzem estereótipos sobre essa região e, que na maioria das vezes esses são tomados de forma natural. Dessa forma, esse estudo proporcionou outros olhares para a região, entendendo que a seca tornou-se a grande vilã desse lugar, porque passou a ser a justificadora. Esses discursos vão sendo confirmados reforçando a matriz discursiva.

Portanto, diante dos estudos realizados acerca a cerca bem dos gêneros discursivos estudados, passamos a compreender que por meio de determinados usos, escolhas linguísticas e não outras, que essa região é construída como uma região atrasada, sem progresso, sem desenvolvimento, retrógrada e que os sujeitos do Sertanejo são pouco instruídos, mal educados, matutos, mas, são fortes. Com efeito, esses discursos aqui analisados dialogam entre si, e trazem um lugar uno. Assim, na medida em que estes discursos dialogam entre si, e esperam respostas, vão reforçando a ideia de seca, fome, miséria, de vida miserável, sem perspectiva de progresso. Com efeito, percebemos que esses discursos formam em grande medida o que compreendemos por Sertão e identidade sertaneja.

Deste modo, tais pesquisas possibilitaram o conhecimento de que nenhum discurso é ingênuo, visto que todos os usos linguísticos são pensados, na tentativa de alcançar os sentidos deseja-

dos. Assim, passamos a olhar para os discursos voltados para essa região de modo diferenciado, bem como compreender que os sujeitos são responsáveis pela construção social, nesse caso sertaneja, e que vão construindo discursos por meio dos usos linguísticos, construindo assim concepções de sertão, e de sertanejo, atribuindo a esses modos de ser e de viver.

Assim, começamos a enxergar com “outros” olhos essa territorialidade e os sujeitos que vivem nela, compreendendo-os como construtos que se dão via pela língua(gem), na medida em que discursos dialogam e reafirmam/constroem determinadas ideias. Deste modo, diante de tudo que foi estudado, podemos mencionar que os discursos referentes ao Sertão e aos sertanejos não condizem (ou podem não condizerem) com o real, pois esses são estereótipos, e, segundo Albuquerque Júnior (2014), vão sendo repetidos, repetidos, e repetidos e vão se tornando como se fossem naturais, mas não o são. Assim, essas imagens, esses enunciados, sobre o Sertão e o sertanejo(a) presentes nas mais diversas esferas da comunicação não são naturais; são construídos social, cultural, política e historicamente, por meio da língua(gem).

Dessa forma, compreendemos que essa construção do Sertão e do sertanejo(a) cheia de estereótipos vem ocorrendo discursivamente desde o século passado, por meio de interesses dos sujeitos proprietários de terra dessa região que se sentiram ameaçados com a seca que durou de 1877 a 1879 e agravou a crise que estes estavam enfrentando. Podemos notar que apesar de tanto tempo ter se passado, esses estereótipos da seca, da fome, da miséria, ainda são reforçados, e vão sendo repetidos em diversas esferas comunicativas, como podemos ver nos discursos analisados nessa pesquisa. No entanto, essa região não ficou parada no tempo, pois se modificou, se modernizou e, portanto, tais concepções não condizem com a realidade desses povos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011. [ler também Prefácio, de Rago, e Apresentação, de Angra do Ó.]

_____. A seca dá bons frutos. In. _____. **A seca no imaginário nordestino: de problema à solução 1877-1922**. Campinas: 1988. p. 356-415.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Política e intolerância. In: Oriana N. Fulaneti; Alexandre Marcelo Bueno (orgs). **Princípios teórico-discursivos**. São Paulo: Contexto, 2013, p.71-92.

BAKHTIN, Mikhail, VOLOCHÍNOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In. Beth Brait (Org.). **Bakhtin** – conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005, p. 61-78.

DIONÍSIO, Angela Paiva. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In. Luiz Antônio Marcuschi; Angela Paiva Dionísio (Orgs). **Fala e escrita**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, 203-2014.

FREITAS, J. R; CAVALCANTE, A; BEZERRA, E. et. al. **Trajetória do canal do Sertão**. Delmiro Gouveia, 12 jul. 2010. Disponível em: <<http://conhecendocanaldosertao.blogspot.com.br/>> Acesso em: 23 maio 2016.

MACÊDO, Maria do Socorro Barbosa. **O movimento de discursos no/sobre o semiárido no espaço escolar sertanejo alagoano**. Maceió- AL, 2011.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica – interrogando o campo como linguística aplicado. In: _____. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SANTOS Filho, Ismar Inácio. **Do Dialogismo Bakhtiniano**: Interdiscurso e intertextualidade. UNEAL, 2012.

VOLOCHÍNOV, Valentin; BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 2004.

ONLINE

ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz. **Sobre a invenção do Nordeste** [Entrevista]. Programa **O que é que tá rolando?** Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Vq1IGfrjd5Ic>>. Acesso em agosto de 2014.

Programa Diversidade com Albuquerque Júnior. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Vq1IGfrjd5Ic>> . Acesso em 10 de junho de 2014.

Radar. <<http://www.radar89.com.br/site/noticias/seca-deixa-38-municipios-de-alagoas-em-situacao-de-emergencia>>. Acesso em 12 de junho de 2016.